


## Entre pontes e palavras: reconversão profissional e plurilinguismo

### Entrevista com Márcia de Oliveira Rawlingson

#### **Laura Bentes Andreazze<sup>1</sup>**

Graduanda em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. Bolsista do projeto “Internacionalização da Paraíba” e voluntária do projeto Mobilang da UFPB, vigência 2023.

 <https://orcid.org/0009-0003-8983-4588>


#### **Alex Lopes da Silva<sup>2</sup>**

Graduando em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. Estagiário na Coordenação de LEANI e monitor da disciplina de Língua Inglesa Aplicada às Negociações Internacionais II.

 <https://orcid.org/0000-0002-6227-4440>

#### **Maria Rennally Soares da Silva<sup>3</sup>**

Professora Doutora, adjunta do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI), vinculado ao Departamento de Mediações Interculturais (DMI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordenadora do projeto Mobilang - UFPB.

 <https://orcid.org/0000-0001-7761-1801>

#### **Angela Maria Erazo Munoz<sup>4</sup>**

Doutora em Ciências da Linguagem, especialidade linguística e didática pela Universidade de Grenoble - Alpes. Mestre em Antropologia Social e Cultural e em Didática de Línguas Estrangeiras e Segundas pela Université de Strasbourg, França. Possui graduação em Ciências Sociais e graduação em língua espanhola pela Universidade de Estrasburgo. Atualmente é tradutora na Defensoria Pública da União - DPU. É também professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da UFPB, na linha de linguística Aplicada e Coordenadora adjunta do projeto Mobilang - UFPB.

 <https://orcid.org/0000-0002-4952-4628>

Data de recebimento: 15 de julho de 2024.

Data de aceite: 27 de julho de 2024.

#### **Como citar esta entrevista:**

ANDREAZZE, L. B. SILVA, A. L. SILVA, M. R. S. MUNOZ, A. M. E. Entre pontes e palavras: reconversão profissional e plurilinguismo - entrevista com Márcia de Oliveira Rawlingson. **Revista InterCulturas**, João Pessoa, Vol. 1, n.1, p. e70809, jul, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13119525>

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: [lba@academico.ufpb.br](mailto:lba@academico.ufpb.br)

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: [alex.silva@academico.ufpb.br](mailto:alex.silva@academico.ufpb.br)

<sup>3</sup> Endereço eletrônico: [maria.rennally@academico.ufpb.br](mailto:maria.rennally@academico.ufpb.br)

<sup>4</sup> Endereço eletrônico: [angela.erazom@gmail.com](mailto:angela.erazom@gmail.com)

Por ocasião da visita da Professora Márcia de Oliveira Rawlingson, representante da Universidade de La Rochelle, à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), voluntários do projeto Mobilang<sup>5</sup> a entrevistaram. A Professora Márcia possui uma trajetória que combina sua formação em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade de Taubaté (UNITAU), com sua carreira atual, como Professora de Português como Língua Estrangeira (PLE) na Universidade de La Rochelle, na França. Ao longo dos anos, Márcia aprimorou sua expertise através de cursos de aperfeiçoamento em língua portuguesa, adaptando sua abordagem didática para refletir sobre o ensino a estrangeiros. Quanto aos desafios enfrentados na área de PLE, destaca-se a necessidade contínua de inovação metodológica e adaptação às novas demandas educacionais, especialmente no contexto de um mundo globalizado, onde o plurilinguismo e a interculturalidade são cada vez mais valorizados. Assim, a trajetória da professora ilustra não apenas sua dedicação ao ensino e à pesquisa, mas também ressalta a importância de uma abordagem interdisciplinar e multicultural no ensino de línguas estrangeiras, contribuindo significativamente para a formação de seus alunos.

**1. Professora, apesar de a sua formação ser em Arquitetura e Urbanismo, a senhora é professora de português para estrangeiros, no curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA), na Universidade de La Rochelle, na França. Será que poderia nos contar um pouco sobre o processo da sua reconversão profissional? E sobre como conseguiu conectar a sua formação inicial de Arquitetura com a atual, na área do ensino de língua estrangeira?**

Eu terminei a minha faculdade de Arquitetura em 1984. Depois fiz um curso de pós-graduação em restauro, na Universidade Cruzeiro do Sul, em São Paulo. Quando já estava na França, eu fiz um curso de um ano e meio na Universidade de La Rochelle sobre patrimônio

---

<sup>5</sup> O projeto de extensão Mobilang funciona na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desde 2019, sob a coordenação da Professora Ângela Erazo. Atualmente ele está sob a coordenação da Profa. Rennally Soares, que atua, junto com a Profa Ângela (coord. adjunta), com o objetivo de favorecer a compreensão dos eixos plurilinguismo, mobilidade e cidadania.

“*historique et restauration*”. Eu já estava dando aula e fiz esse outro curso. Então, também fiz um curso de francês, ao chegar à França, para treinar a língua. Eu me inscrevi, então, no curso que os estudantes intercambistas na França fazem (não é pago para o intercambista). No meu caso, foi pago porque eu não fui como intercambista.

Durante o meu trabalho, eu falava português, porque eu dava aulas de português. Na minha casa, com meu marido da Nova Zelândia, eu falo inglês. Uma das razões de eu ter escolhido fazer o referido curso de patrimônio histórico foi não só pelo meu interesse pelo assunto, porque, como arquiteta, eu sempre gostei de história, mas também de praticar o meu francês. Foi uma experiência fantástica, um curso de um ano e meio muito interessante.

Então, no Brasil, eu já era professora de inglês e de português para estrangeiros, em uma escola de línguas, na minha cidade. Então, eu já tinha uma experiência, mas era uma experiência mais intuitiva. Eu não fiz curso para ser professora, mas amo dar aulas. Então, foi sempre muito natural. Em 2004 me mudei para a França e, no mesmo ano, surgiu a oportunidade de ser professora de português na Universidade de La Rochelle. Como tenho formação universitária eles me convidaram.

Inicialmente, ministrei três turmas às quartas-feiras. E depois, acho que gostaram do meu trabalho e começaram a aumentar a minha carga horária. Até que fui contratada pela Universidade. Entre 2008 e 2009, comecei com a minha carga horária total. E hoje tenho, o que em francês chamamos de *CDI (Contrat à Durée Indéterminée)*. Então, sou funcionária da universidade.

Nos momentos em que estive de volta ao Brasil, participei de cursos na universidade local de Letras, em Resende (RJ), para aprimorar meus conhecimentos de língua portuguesa. E essa atualização formativa é importante, pois é possível enxergar a língua portuguesa de uma forma completamente diferente da visão de um aluno estrangeiro que está aprendendo português. Em sala de aula, é preciso pensar na sua própria língua de uma outra forma, refletir sobre o porquê dos usos do português e saber explicar para os estudantes estrangeiros. Assim, mesmo como arquiteta, eu usei a minha criatividade para poder didatizar as aulas de língua portuguesa. E é muito gratificante encontrar os estudantes, depois de um tempo da formação

oferecida e eles tentarem falar português com a senhora, mesmo que seja um “bom dia, Márcia”. É extremamente gratificante.

## **2. A senhora poderia falar um pouco sobre o processo de admissão de um professor de língua estrangeira, na França?**

Normalmente, para dar aula na universidade e ser o responsável principal de uma disciplina, é necessário ser *maître de conférence*. A seleção não é como aqui no Brasil, com diversas provas. Na França, o seu dossiê vai ser analisado, tem entrevistas e vários candidatos. É uma análise do currículo para poder ser *maître de conférence*, que só pode ser depois que se faz o doutorado.

E nós temos várias categorias de professor. O *maître de conférence* e o *Professeur Agrégé*<sup>6</sup> são cargos conquistados por concurso, e estes são bem difíceis. Para ser *Professeur Agrégé* tem que fazer 394 horas de trabalho no ano, já o *maître de conférence*, é 192 horas. E temos *Attaché Temporaire d'Enseignement et de Recherche (ATER)*. *ATER* é um estudante de doutorado que pode pleitear dois anos para dar aula como estudante. E tem também muitos contratuais, que são pessoas, por exemplo, que dão aula para *lycée*, colégio. Então eles têm que trabalhar em outro local, porque a universidade não é o empregador principal. O meu primeiro contrato, era o que na França se chama de *Contrat à Durée Déterminée (CDD)*. Eu trabalhei durante vários anos assim, até 2014 quando fui contratada como CDI (*Contrat à Durée Indéterminée*).

## **3. Além das suas atribuições docentes diretamente relacionadas à sala de aula, a senhora desempenha alguma outra função ou tarefa na Universidade de La Rochelle? Gostaria de destacar alguma, em particular? ex.: coordenação, projeto de extensão etc.**

---

<sup>6</sup> Aquele que possui responsabilidades importantes na supervisão de estudantes e na contribuição para o desenvolvimento curricular em suas disciplinas.

Além de ser professora, sou responsável pelo L3, que é o último ano da graduação, na França. E, também, pelo estágio do terceiro ano, que no curso do LEA de La Rochelle no terceiro ano tem que fazer seis semanas de estágio.

Como responsável pelo estágio dos estudantes, verifico se conseguiram, supervisiono o período de estágio, não como uma tutora, mas para acompanhar o desempenho deles. No caso, é: eles encontram o estágio, eu vejo se está de acordo com a nossa formação, eu o aprovo, e então o tutor pode validar e orientar.

A mobilidade internacional com Portugal e o Brasil, também é minha responsabilidade. Em Portugal, nós temos acordo com três universidades, que são a Universidade de Lisboa, que não tem o LEA; a Universidade de Aveiro e a Universidade do Minho, na cidade de Braga. E essas duas universidades têm o LEA, com o mesmo formato que a França. E aqui no Brasil, temos parceria com cinco universidades. Aqui, a Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa; a Universidade de Brasília; o CEFET, no Rio de Janeiro e a Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus. Então, essas quatro universidades aqui no Brasil têm o LEA. E a Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, que não tem LEA. Ao chegar, nossos estudantes têm que escolher cursos diferentes ou equivalentes.

**4. Aqui na Paraíba costuma ser um pouco difícil, para o estudante do LEA, encontrar locais de trabalho para atuação profissional com o uso de línguas estrangeiras. Tanto de estágio, quanto de trabalhos de carteira assinada. O mesmo se aplica a programas de Pós-graduação, é um pouco difícil encontrar oportunidades. Gostaríamos de saber se isso também acontece na França, ou se lá esse cenário é diferente. Os alunos conseguem facilmente estágio e trabalho pós-curso?**

Sim, lá é diferente. Nós temos uma gama enorme de oportunidades. Como o LEA existe há muitos anos na França, então, é um curso muito conhecido. O nosso LEA, na Universidade de La Rochelle, é diferenciado das outras universidades. Por que nós temos três línguas. Eu vou falar do LEA América (*LEA Amérique*). Nós temos o inglês, o espanhol e o português do Brasil.

Sempre direcionado para as Américas. Então, isso é diferenciado, porque normalmente os outros LEAs de outras universidades têm duas línguas. Ou inglês e espanhol, ou inglês e português.

Eu tenho muitos estudantes que trabalham com turismo, com o comércio internacional, com o comércio de vinho, como tradutores, estagiam em seguradoras e até em escritórios de advocacia. Uma das linhas do nosso curso, que é o MEF (*Master d'Enseignement et de Formation*) é para ser professor de escolas. Temos o "Master FLE" (*Master Français Langue Étrangère*), que tem cursos especiais, por exemplo, se o discente quer ser professor de francês, como língua estrangeira.

Há um exemplo de um estudante que fez o estágio em um gabinete de turismo. E ele disse que foi difícil, porque, geralmente, o gabinete de turismo aceita estudantes do curso de turismo. Porém, quando ele explicou o que queria fazer, que era ser guia turístico, o aceitaram. Ainda sobre as demais oportunidades, toda a equipe de relações internacionais da Universidade de La Rochelle foram estudantes de LEA. Porque falam mais de uma língua. Então, eles se ocupam de todos os estudantes que chegam, não só daqui (Brasil), mas estudantes de toda parte do mundo que passam por lá.

**5. Sobre as disciplinas de *Língua viva aplicada (langue vivre appliquée)* e *civilização brasileira (civilisation brésilienne)*, que a senhora leciona: gostaríamos de saber como os temas são escolhidos para serem abordados durante as aulas e quais estratégias e metodologias busca utilizar mais em sala de aula, principalmente sobre a disciplina de civilização brasileira.**

Eu dou aulas de *Pratique de la Langue Écrite* e de *Pratique de la Langue Orale* no primeiro ano, porque eles são iniciantes, eles não falam nada de português. Temos muitos estudantes que são filhos de portugueses ou portuguesas, filhos de brasileiros ou brasileiras. Então, temos uma variedade muito grande, mas a maioria são franceses e não falam nada de português. Inicialmente, vão começar vendo a diferença do verbo ser, o verbo estar, os verbos do presente. A prática oral é trabalhada em laboratório, que são 20 estudantes, mais ou menos.

Eu tento sempre trazer documentos autênticos, tiro trechos de programas de televisão, de entrevistas, para eles se habituem com a musicalidade do português.

O curso de Civilização é dado no anfiteatro, o que chamamos de CM. É um curso magistral, com todos os alunos juntos. Eu só dou aula para o terceiro ano desse curso, que é no 5º semestre. Como a minha formação é em Arquitetura e Urbanismo, eu tento mostrar como foi a formação das cidades no Brasil. Falo como era quando os portugueses chegaram, como viviam os indígenas, como foi a formação das primeiras cidades, o porquê de ter sido em Salvador, a razão pela qual a capital mudou de Salvador para o Rio, a razão de ter mudado, depois, para Brasília. Nesse sentido, pedi para uma professora, socióloga, mostrar como estão as cidades atualmente, fazendo assim uma comparação do antes e do agora. Então, nas aulas de civilização brasileira, falamos um pouquinho da história do Brasil. Tentamos, a cada semestre, focar sobre um período da história do Brasil e, para isso, nos reunimos com os professores de português para decidir sobre o que iremos falar. Em cada matéria, em cada módulo, decidimos juntos os temas que vamos trabalhar.

**6. Existem diversos sotaques, gírias e expressões em cada região do Brasil. E também, no decorrer dos anos, surgem novas expressões, novos memes. Como isso é abordado nas aulas, tanto na de civilização quanto na da língua oral?**

Na verdade, a gente fala um pouco disso, sim. Eu sou do estado do Rio de Janeiro. Uma outra colega é do interior do estado de São Paulo. Então, por exemplo, eu vou falar meu nome do jeito que eu falo 'Márcia', eu não puxo no R. A minha colega fala 'Márcia' (puxando o R como no interior de SP), e temos uma outra colega de Curitiba, que ela vai falar 'Marcia' (outro sotaque). Isso é rico porque, como são professoras de português de diferentes regiões, nós temos sotaques diferentes. E eu peço bastante para os estudantes intercambistas falarem sobre algum assunto para que eu possa gravar, e mostrar os sotaques diferentes para os meus alunos. Uma vez eles falaram sobre o biscoito e a bolacha, e foi uma discussão fantástica.

A questão do sotaque é que eles ainda não têm ouvidos treinados para verem a diferença, estão muito no início (no caso do L1). Quando eles chegam ao L2 ou L3, eles

começam a falar “a professora X, ela fala assim, a professora Márcia fala deste outro jeito”. É muito interessante incentivá-los sempre a ouvirem, a ensiná-los a estarem atentos a essas diferenças.

É difícil acharmos documentos autênticos com sotaques diferentes, porque há um padrão televisivo. Então, eu aproveito a oportunidade de estudantes intercambistas, para fazer um banco de dados e registrar esses diversos sotaques do Brasil. Por exemplo, eu já tive aluna do Pará, que tinha um sotaque diverso, então, eu a gravei falando sobre sua família, com o objetivo de usar isso em minhas aulas. Por isso, quando tenho alunos de outras regiões, eu peço para falarem sobre um determinado assunto, gravo e em sala vou usando e falando para eles “essa pessoa tem um sotaque dessa região”.

**7. Há estudantes no LEA de La Rochelle que chegam nos níveis iniciais de aprendizagem, possuindo conhecimentos prévios da língua portuguesa? Em caso afirmativo, como a senhora administra as interações desses alunos, em sala de aula?**

Atualmente, acho que essas situações ocorrem menos do que quando comecei a dar aulas em 2004. Observo que o estudante possui algum conhecimento prévio de português, geralmente da variante falada em Portugal. Nesses casos, ao começar a aula, percebo uma reação de surpresa ou de diversão por parte deles. Em resposta, eu pergunto: 'A senhora fala português?' Se confirmado, procuro então proporcionar um ambiente confortável para a comunicação.

Esse aluno vem à minha aula se quiser, porque vai ser cansativo ficar aprendendo a falar *bom dia, boa tarde*, quando ele já sabe disso. Ou então, ele continua porque quer ver a diferença entre português de Portugal e português do Brasil.

Também já tive estudantes de outros países, como Angola. E é uma troca muito rica. Então, eu peço a eles que quando eu falar algo que no país deles for diferente, que eles compartilhem com a turma e que mostrem a diferença de significado ou de pronúncia. Então acho que isso ilustra, mostra e enriquece a aula quando temos essa troca.



**8. Sabe-se que no Brasil existem diversas línguas. São mais de 150 línguas faladas atualmente (catalogadas), no entanto, fala-se pouco sobre isso, há um certo apagamento em relação à nossa riqueza linguística. Em alguma aula, a senhora já abordou essa questão?**

Sim, principalmente no curso de civilização brasileira. Eu não abordo profundamente, porque eu não tenho conhecimento especializado, mas eu falo sobre. Algumas palavras das quais eu tenho conhecimento, eu ensino para eles, tento falar, por exemplo 'mandioca', explico o porquê desse nome, de onde veio.

Eu tenho lido muito sobre esse assunto e gostaria de poder estudá-lo mais. Em uma das viagens que eu fiz para o Brasil, eu visitei uma aldeia, tentei fazer um contato mais profundo, mas infelizmente não consegui. Mas tenho muita esperança de quem sabe, a senhoras prepararem uma aula sobre esse assunto e apresentá-la aos meus alunos. Nós iremos achar extremamente interessante.

**9. A senhora poderia nos contar sobre alguns projetos multidisciplinares que realizou com outras universidades e como essas experiências impactaram tanto os alunos quanto os professores envolvidos?**

Foram muitos projetos, mas irei falar daqueles que estão no âmbito da multidisciplinaridade, realizados em parceria com as universidades aqui do Brasil, com aulas em comum.

Gostaria de pontuar uma experiência muito interessante que fiz em conjunto com a professora Kátia Fraga, na UFPB. Meus alunos fizeram vídeos sobre a cidade de La Rochelle para apresentá-la aos alunos aqui da UFPB de João Pessoa e vice-versa. Foi um projeto que fizemos há quatro anos.

Como lá eram cinco grupos de 20 alunos cada, eu tive que escolher um vídeo de cada turma. Com isso, fizemos uma competição para escolher qual seria postado nas redes sociais (na época, usávamos o Facebook).

Um outro projeto foi com a Universidade de Ilhéus (UESC), em que os alunos de lá apresentaram seus projetos para os meus alunos de forma online. Tivemos vários projetos assim, com professores, nós dávamos aulas em comum online. Então, foram experiências extremamente enriquecedoras, não só para os alunos, mas também para nós, professoras.

**Professora Márcia, muito obrigada pela sua participação em nossa entrevista. O Projeto Mobilang agradece a sua colaboração.**

Eu também agradeço enormemente a todos/as vocês pelo convite. Essa experiência... Nossa, eu não tenho palavras para dizer que foi maravilhosa, porque não é suficiente. Agradeço enormemente a todos vocês, esse acolhimento maravilhoso. Fantástico. Só tenho que agradecer. Muitíssimo obrigada. *Merci beaucoup. Et à bientôt, à La Rochelle Université !*